



IEB5048

Celso Furtado intérprete do Brasil: trajetória, método e obra

Alexandre Macchione Saes – FEA/USP

Alexandre de Freitas Barbosa – IEB/USP

Notas de aula preparadas para as aulas não presenciais. Solicitamos não divulgar ou usar o conteúdo sem a devida autorização.

Celso Furtado intérprete do Brasil: trajetória, método e obra

Aula 3 – A Cepal, Furtado e o estruturalismo latino-americano (referências da aula)

Ricardo Bielschowsky. *Pensamento econômico brasileiro*. Rio de Janeiro: contraponto, 1988 (capítulo 2).

Ricardo Bielschowsky. Cinquenta anos de pensamento na CEPAL: uma resenha. In: Ricardo Bielschowsky. *Cinquenta anos de pensamento na CEPAL*. vol.1. Rio de Janeiro: Record, 2000.

Octavio Rodriguez. *O Estruturalismo latino-americano*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981. (Introdução geral).

A.N. Agarwala e S.P. Singh. *A economia do subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: contraponto, 2010.



Celso Furtado intérprete do Brasil: trajetória, método e obra

Aula 3 – A Cepal, Furtado e o estruturalismo latino-americano (sugestões de leitura)

Furtado, Celso. *A economia brasileira*. Rio de Janeiro: A noite, 1954.

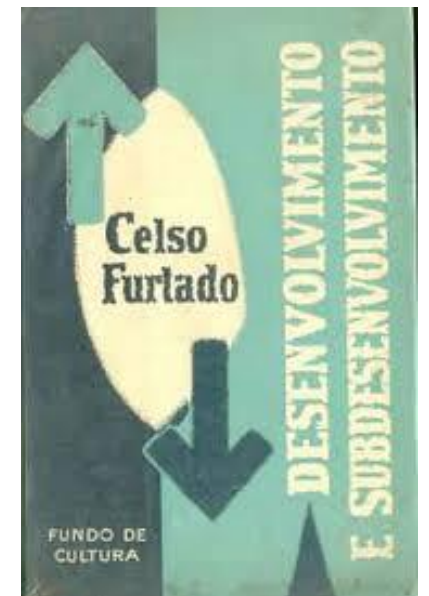
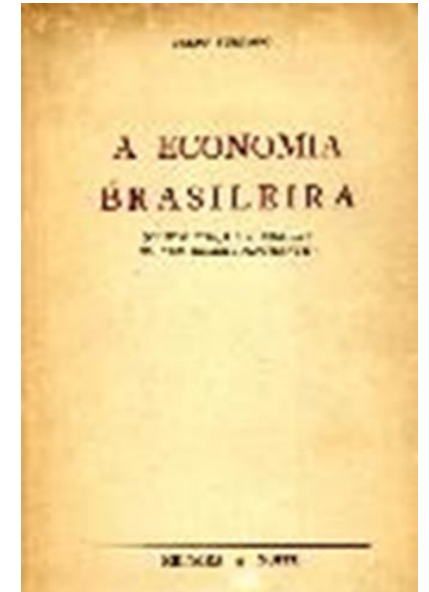
Furtado, Celso. *Desenvolvimento e subdesenvolvimento*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009, capítulos 3 e 4.

Carlos Mallorquin. *Celso Furtado: um retrato intelectual*. São Paulo: Xamã, 1998.

Maurício Coutinho. A Economia Brasileira (1954), de Celso Furtado. *História e Economia - Revista Interdisciplinar*. São Paulo/Lisboa, p. 5-25, 2017.

Debate na Revista Brasileira de Economia, 1949-1953:

R. Prebisch (1949), C. Furtado, G. Haberler, H. Singer (1950), R. Prebisch, E. Gudín, G. Haberler, J. Viner, R. Nurkse (1951), C. Furtado, E. Gudín, R. Baldwin (1952), R. Nurkse, J. Viner, R. Baldwin (1953).



Contexto: economia e pensamento econômico internacional

A economia do desenvolvimento e a CEPAL

- **Contexto:** crise de 1930 e os anos revolucionários (K. Polanyi, *A grande transformação*, 1944); laboratório de política econômica (P. Gourevitch, *Politics in Hard times*, 1986).
- **Processo histórico:** industrialização “espontânea” na periferia; dificuldade de promoção de políticas econômicas por meio dos parâmetros tradicionais (R. Prebisch no Banco Central da Argentina, 1935-43).
- **Economia política do pós-Segunda Guerra Mundial:**
“Fazendo-os incapazes de realizar suas aspirações razoáveis [dos países subdesenvolvidos], sua miséria torna-os solo fértil para qualquer ideologia que lhes forneça promessa...” (Ponto IV, Harry Truman, 1949).

Contexto: economia e pensamento econômico internacional

A economia do desenvolvimento e a CEPAL

- **Referenciais teóricos do período:** teoria clássica (equilíbrio econômico) como disciplina metodológica; marxismo como pensamento crítico; e perspectivas de Keynes como instrumento para a reforma social, papel do Estado (Furtado, 1961, p.18).
- **CEPAL:** “versão regional da nova disciplina que se instalava com vigor no mundo acadêmico anglo-saxão na esteira ideológica da hegemonia heterodoxa keynesiana, ou seja, a versão regional da teoria do desenvolvimento” (Bielschowsky, 2000, p.24).
 - Como teoria: deterioração dos termos de intercâmbio, inflação estrutural
 - Um método histórico e indutivo: teoria estruturalista do subdesenvolvimento (Análise da inserção internacional e dos condicionantes estruturais internos)
 - Não há rigidez teórica: há acomodação da evolução, mas sem a perda da coerência
 - Um corpo analítico específico (“sistema de economia política”): corpo teórico para a transformação da realidade

Contexto: economia e pensamento econômico internacional

A economia do desenvolvimento e a CEPAL

- Debate do desenvolvimento:
 - W.W.Rostow e as etapas do desenvolvimento;
 - G. Haberler e Jacob Viner e a teoria do comércio internacional;
 - Ragnar Nurkse e Rosentein-Rodan e a teoria do crescimento equilibrado (círculo vicioso da pobreza/teoria do big push).

Teoria do desenvolvimento periférico da CEPAL (Bielschowsky, 1988)

1. Subdesenvolvimento como condição periférica
2. Processo de industrialização “espontâneo” (pós-1930)
3. Industrialização periférica como fenômeno sem precedente
4. Tese estruturalista sobre a inflação
5. Tese da substituição de importações
6. Planejamento como instrumento para intervenção econômica
7. Protecionismo (modelo de três setores)

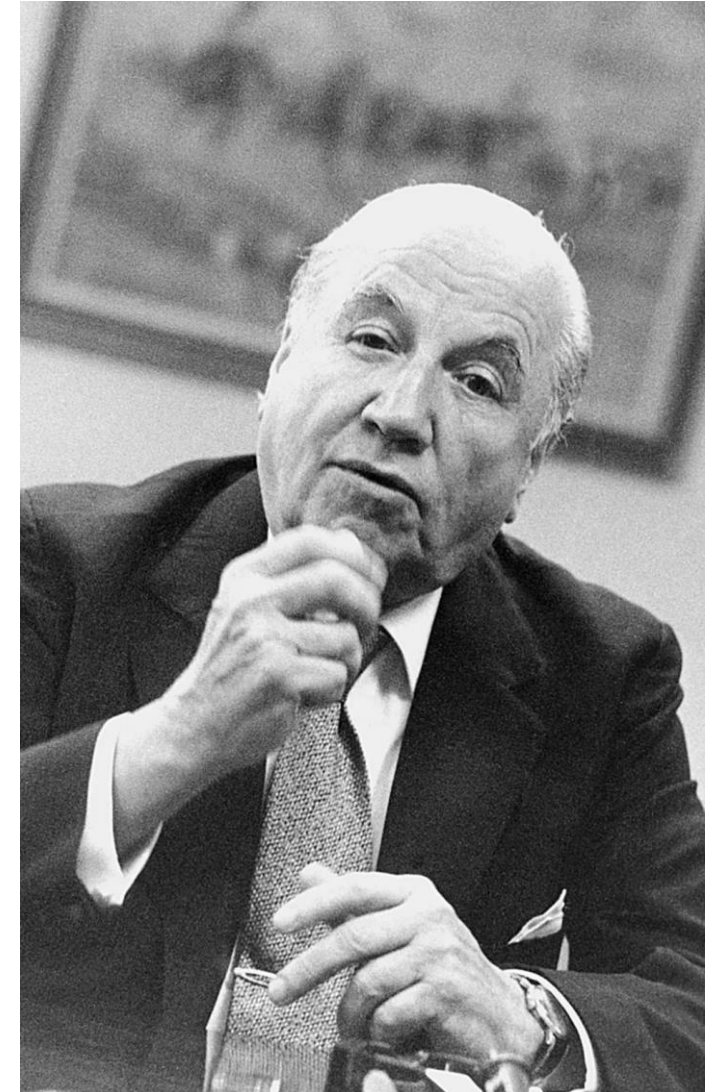
Contexto: economia e pensamento econômico internacional

Teoria do desenvolvimento periférico da CEPAL

“Foi nesse contexto de ‘vazio teórico’ que a teoria de Prebisch e da Cepal, aqui resumida, ganhou significado especial. A Cepal não formulou uma teoria de investimento ou de acumulação de capital, mas, ao combinar sua tese sobre as transformações históricas do sistema centro periferia com a análise das estruturas produtivas periféricas, foi capaz de prover um instrumental analítico engenhoso (...)” (Bielschowsky, 1988, p.29).

Prebisch, 1949: *O desenvolvimento econômico da América Latina e alguns de seus problemas principais (Manifesto latino-americano).*

“Daí o significado fundamental da industrialização para os países novos. Ela não constitui um fim em si mesma, mas o único meio de que dispõem para ir captando uma parte do fruto do progresso técnico e elevando progressivamente o nível de vida das massas” (Prebisch, 1949, p.96)



Celso Furtado, 1948-1957

Breves notas biográficas (período da CEPAL)

- Rápida passagem pelo Brasil, depois da defesa do Doutorado em Paris (DASP)
- 1949: mudou-se para Santiago – atuando na divisão de Desenvolvimento Econômico da CEPAL
 - *Economic survey of Latin America* (ONU, 1949)
 - Tradução do manifesto latino-americano (1949)
 - Estudos sobre a programação do desenvolvimento econômico (1953)
 - Estudos técnicos produzidos sobre a economia da Venezuela e do México
 - Participou da criação do Clube dos Economistas e da *Revista Econômica Brasileira*
 - Chefiou o Grupo Misto CEPAL-BNDE (1954-55)



NACIONES UNIDAS



Celso Furtado, 1948-1957

Principais textos de Furtado no período

“Características gerais da economia brasileira”. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, n. 4. V. 3, 1950.

“Formação de capital e desenvolvimento econômico”. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, n. 6. V. 3, 1952.

A economia brasileira: contribuição à análise de seu desenvolvimento. Rio de Janeiro: A noite, 1954.

A economia dependente. Rio de Janeiro: A noite, 1956.

“O efeito do impacto da expansão capitalista sobre as estruturas arcaicas variou de região para região, ao sabor de circunstâncias locais, do tipo de penetração capitalista e da intensidade desta. Contudo, a resultante foi quase sempre a criação de estruturas híbridas, uma parte das quais tendia a comporta-se como um sistema capitalista, a outra, a manter-se dentro da estrutura preexistente. Esse tipo de economia dualista constitui, especificamente, o fenômeno do subdesenvolvimento contemporâneo” (Furtado, *Desenvolvimento e Subdesenvolvimento*, 1961).



Primeiras formulações de Furtado sobre a economia brasileira

“Características gerais da economia brasileira”. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, n. 4. V. 3, 1950.

Carlos Mallorquin (1998, p.31): o artigo ainda está preso às noções da economia convencional ortodoxa, mas já apresenta conceitos inovadores como a ideia da deterioração dos termos de intercâmbio (de Prebisch) e a noção de socialização das perdas.

Considerações preliminares de Furtado (1950)

- Tendências seculares na economia brasileira: piora na relação de troca; elevação da taxa cambial; inflação crônica (déficits orçamentários).
- Brasil: desequilíbrio por conta do *caráter colonial da economia*. O desequilíbrio é resultante da deterioração dos termos de intercâmbio.
- Disparidade na produtividade entre países centrais e periféricos gera o cenário de vulnerabilidade nas economias periféricas.

“O tipo de estrutura econômica colonial se caracteriza pela tendência à concentração das rendas nas fases de prosperidade e à socialização das perdas nas fases de depressão” (Furtado, 1950, p.11).



Primeiras formulações de Furtado sobre a economia brasileira

“Características gerais da economia brasileira”. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, n. 4. V. 3, 1950.

Crescimento econômico no Brasil não gerou elevação da produtividade

- Socialização das perdas e concentração dos benefícios
- Baixa produtividade em geral e elevado consumo: baixa poupança
- Elevação dos lucros e consumo de luxo: baixa poupança e juros altos
- Baixos salários no campo: pressão para baixos salários em toda economia
- Elevação do câmbio: encarecimento das importações e pressão nos salários
- Baixos salários e limitados mercado interno
- Poucos estímulos para a formação de “um autêntico espírito de empresa”

“Os lucros excessivamente elevados, a socialização das perdas, o controle parcial das atividades agroexportadoras por grupos financeiros estrangeiros, o elevado preço do dinheiro e a debilidade do mercado interno - todos estes fatores concorrerão para retardar a formação no país de um autêntico espírito de empresa, condição básica do desenvolvimento de uma economia capitalista” (Furtado, 1950, p.12).

Primeiras formulações de Furtado sobre a economia brasileira

“Características gerais da economia brasileira”. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, n. 4. V. 3, 1950.

Desenvolvimento de um núcleo industrial

- Estagnação da estrutura colonial: mudanças somente com a abolição
- 1890: primeiros centros industriais (desvalorização da moeda e protecionismo; café, salários e mercado interno; baixos salários e indústrias para exportação; oficinas para etapas finais das empresas estrangeiras).

“O núcleo industrial que assim começa a desenvolver-se não tem caráter nacional: está disseminado pelas diversas regiões do país que constituem mercados autônomos” (Furtado, 1950, p.14).

- Mas o “centro dinâmico” ainda era a agricultura: no ciclo exportador, há elevação da renda, manutenção dos baixos salários e elevação das importações; no ciclo depressivo, há desvalorização cambial e proteção.
- Expansão da produção industrial é extensiva (incorporação de mão-de-obra barata e poucos investimentos para elevação da produtividade)
- Dualidade da economia brasileira: setor colonial vs. mercado interno

Primeiras formulações de Furtado sobre a economia brasileira

“Características gerais da economia brasileira”. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, n. 4. V. 3, 1950.

Desenvolvimento do mercado interno e consequências da industrialização

- 1930: ruptura no ritmo da economia colonial – a passagem para nova estrutura econômica não foi resultado das transformações internas
- Depressão e nova socialização das perdas: queda dos preços de café internacionais, desvalorização da moeda e manutenção da renda e queda do coeficiente de importações; destruição dos estoques; crise externa, mas diversificação da produção nacional.

“Dois fatores, em síntese, atuaram em forma convergente: a) a redução do coeficiente de importações das classes de médias e altas rendas, e b) a impossibilidade de continuarem no mesmo ritmo as inversões no setor de economia colonial. O choque causado pela crise externa deu assim à economia brasileira oportunidade de desenvolver seu mercado interno” (Furtado, 1950, p.28).

- Consequências da industrialização (e dos núcleos urbanos): maior grau de independência; mudanças no setor agrícola; integração das economias do país em uma unidade econômica

“O Brasil, ao entrar em sua nova fase de desenvolvimento econômico, não só encerrava seu ciclo colonial, mas ainda fundia todos os "ciclos" anteriores em uma unidade econômica integrada, e concluía o processo histórico de sua formação nacional” (Furtado, 1950, p.31).

Primeiras formulações de Furtado sobre a economia brasileira

A economia brasileira: contribuição à análise de seu desenvolvimento. Rio de Janeiro: A noite, 1954.

Novidades e aprimoramentos presentes em 1954:

- Utilização das categorias “economia comercial” e “economia industrial”, vs noção de economia colonial.
- Primeiro estudo com “modelos econômicos” (Coutinho, 2017): Utilização da noção de fluxo de renda para diferenciar a dinâmica da economia agrário-exportadora escravista versus economia de trabalho assalariado (remunerações monetários e mecanismo multiplicador).
- Mobilização da noção de setor de subsistência: “oferta ilimitada de mão-de-obra”.
- Crise de 1930: análise sobre o instável processo de industrialização periférico (versão sobre a inflação é de 1954); questão cambial como ponto central (pré-ÍSI).

“A Economia Brasileira representa o amadurecimento do método histórico-estrutural, exatamente por ampliar o painel histórico – que passa a abarcar agora as fases sucessivas do longo período primário-exportador e as primeiras décadas da industrialização – e por aprofundar a aplicação aos diversos períodos históricos das ferramentas da análise econômica (...). Em particular, o trabalho de 1954 exhibe um pleno domínio da temática cambial, uma herança notória da agenda da CEPAL” (Coutinho, 2017, p.58).